

PIBID e a música na escola: um relato de experiência como bolsista de iniciação à docência

Luana Cardoso Gurjão
UEPA
luhcardoso98@gmail.com

José Ruy Henderson Filho
UEPA
ruy.edu@gmail.com

Resumo: O presente artigo pretende refletir sobre o papel do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência no ensino da música dentro da educação básica e na formação do futuro professor de música, a partir de um relato de experiência como bolsista no subprojeto música da Universidade do Estado do Pará. Após a finalização do projeto consideramos que o resultado foi positivo e tivemos a oportunidade de refletir juntamente com os demais bolsistas, supervisores e coordenadores sobre o trabalho realizado. O projeto foi positivo por ter proporcionado diversas trocas de conhecimentos, além de possibilitar aos bolsistas vivenciarem novas formas de aprender e repassar o conhecimento musical. Com a música fazendo parte do currículo escolar, inserida na disciplina artes, surgem diversos questionamentos feitos pelos futuros professores sobre a prática do ensino e aprendizagem da música dentro da sala de aula e essa vivência na escola, por meio do PIBID, nos permite compreender o contexto e vivenciar experiências práticas que permitem compreender melhor o cenário, vislumbrando possibilidades e ao mesmo tempo conhecendo as limitações impostas.

Palavras-chave: PIBID, formação de professores de música, música na educação básica.

Introdução

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o papel do PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência no ensino da música dentro da educação básica e na formação do futuro professor de música, a partir de um relato de experiência como bolsista do subprojeto música da Universidade do Estado do Pará. O PIBID foi criado pelo governo federal, tendo como objetivos a valorização do magistério e melhoria da qualidade da formação dos futuros professores, inserindo os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de ensino. Em março de 2018, os projetos do PIBID até então em desenvolvimento foram encerrados, porém foi publicado em seguida um novo edital e algumas mudanças nas normas e procedimentos. No programa os bolsistas podem participar das atividades

realizadas na escola, observar, discutir, assim como elaborar projetos de ensino, planos de aulas além de ministrar aulas com auxílio e acompanhamento do professor supervisor. Segundo o site da Capes:

O Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvida por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino. Os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os discentes serão acompanhados por um professor da escola e por um docente de uma das instituições de educação superior participantes do programa. (BRASIL, 2018).

O subprojeto música da Universidade do Estado do Pará buscava, dentre outras coisas, uma forma de viabilização do cumprimento da Lei 11.769 de 2008 que determina o ensino obrigatório de música na educação básica, pois mesmo sendo obrigatório, muitas escolas ainda não seguem essa exigência. Sendo assim o PIBID se torna um meio para que esse ensino de fato aconteça, promovendo ainda uma formação contextualizada dos professores que irão atuar no ensino da música.

No ano de 2017, a seleção dos bolsistas foi feita por meio de entrevistas com os coordenadores do projeto, sendo os candidatos todos graduandos do curso de licenciatura em música da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Após a seleção, foram aprovados um total de vinte e um (21) bolsistas, sendo os mesmos divididos em dois (2) grupos, e cada grupo ficando sobre a orientação de um coordenador. Um grupo ficou com onze (11) bolsistas e outro com dez (10). Dentro de cada grupo, os bolsistas foram subdivididos em equipes de três ou quatro para ficarem com determinadas turmas de cada escola. Este artigo trata de relato apenas de um bolsista que realizou atividades em umas das escolas parceiras do subprojeto música da UEPA.

É muito frequente encontrar estudantes do curso de licenciatura que tenham dificuldades ao atuar na escola, pois na maioria das vezes o estágio supervisionado não proporciona a segurança necessária, fazendo com que o estudante não consiga relacionar a

teoria com a prática. Segundo BEINEKE (2001), na área da educação são apontadas lacunas entre os processos de formação de professores e os problemas concretos que eles encontram na realidade escolar. Esta experiência promovida pelo PIBID é diferente daquela realizada dentro do estágio obrigatório, dos cursos de licenciatura, pois faz com que o bolsista tenha um contato direto com a escola pública, prevendo que os mesmos não fiquem apenas na observação, mas que possa ocupar os diversos espaços da escola, possibilitando ao licenciando uma visão mais ampla do universo escolar.

Nas atividades realizadas sempre havia diálogo entre bolsistas, supervisores, coordenadores e a própria Escola, fazendo com que os licenciandos tivessem a preocupação com a realidade da Escola. A partir desse envolvimento com o âmbito escolar prevê-se que o bolsista possa vivenciar as diversas situações que são proporcionadas, buscando soluções diante das dificuldades na prática pedagógica, podendo assim adaptar as matérias teóricas aprendidas na graduação no âmbito escolar.

As atividades na Escola onde esta experiência se deu começaram em março de 2017. Daí até meados de abril, os bolsistas puderam desenvolver a atividade de observação dentro de sala de aula, de forma que conhecessem a rotina do professor de artes/música e a turma, para que posteriormente pudessem fazer suas intervenções ao assumir as turmas sob a supervisão desse professor.

Para MORATO e GONÇALVES (2008), a formação da docência não deve se constituir apenas de conhecimentos teóricos (métodos e conteúdos), mas também considerar a importância do conhecimento adquirido durante a formação do próprio licenciando. Nesse sentido, a observação acaba assumindo um papel muito importante:

Ao reconhecer que a realidade educativa é complexa e imprevisível e, como tal, o exercício profissional da docência exige muito mais do que a aplicação de conhecimentos teóricos (os quais não oferecem respostas imediatas para os problemas que surgem no devir da situação pedagógica), a observação assume uma função importante para o futuro professor poder se inteirar das situações instáveis e indeterminadas que a realidade da sala de aula lhe reserva. (MORATO; GONÇALVES, 2008, p. 112-113).

A inserção no campo

As turmas observadas na referida Escola foram as do Ciclo I (1º, 2º, 3º ano do ensino

fundamental). Como a Escola estava no período de preparação da Páscoa, o professor estava preparando um coral com as turmas para uma apresentação e, paralelamente aos ensaios das músicas, o professor fazia algumas atividades de ritmo e solfejo do I ao V grau.

Após o período de observação, o professor supervisor propôs aos bolsistas que realizassem pequenas atividades no momento da aula. Então nosso grupo propôs uma atividade baseada no material interativo *Música Para Ser* de autoria de Thelma Chan (Som e ritmo), onde os alunos cantavam uma melodia simples em que as frases formavam ritmos. Em seguida foi proposto que a turma batesse palmas imitando o ritmo que era formado pela melodia, podendo assim trabalhar a percepção rítmica. A princípio os alunos tiveram dificuldade em realizar a atividade, mas à medida que iam conseguindo executar o ritmo e a fala simultaneamente, a turma conseguia concluir o que fora proposto.

Ao final da aula, os alunos comentaram que a atividade realizada foi diferente do que já estavam acostumados, pois o professor supervisor trabalhava mais especificamente com o canto, onde inseria alguns elementos como movimentos e palmas. Com a observação, foi possível refletir sobre o que era ensinado teoricamente na universidade, e percebeu-se que o professor utilizava muito do canto para ensinar as crianças, com adaptações de músicas conhecidas para criar novas canções, isso facilitava a aprendizagem das crianças, além de colocar gestos nas músicas, trazendo abordagens de Orff-Schulwerk. Vale ressaltar que o período de observação serviu como norte para o planejamento do projeto de ensino, visando que queríamos juntar algo novo para os alunos, mas colocando elementos que os alunos já estavam acostumados nas aulas com o professor supervisor.

O planejamento das atividades

Nas reuniões do subprojeto PIBID-Música que eram realizadas quinzenalmente, foi proposto que os bolsistas fizessem um projeto de ensino para ser aplicado no período de atuação na escola. Nessas reuniões os bolsistas foram orientados quanto à elaboração do projeto, a partir de ideias sugeridas entre o professor supervisor e o coordenador responsável de cada grupo. Surgiu então a ideia de se fazer um projeto que estivesse relacionado com o período junino e culminasse com a festa da escola.

Diante do modelo explicado, cada equipe pode fazer seu projeto de acordo com

suas especificações e limitações diante da escola. O nosso projeto foi intitulado “Músicas e Brincadeiras do Nordeste”.

Para o projeto foi pensada uma culminância com os conteúdos que foram trabalhados durante o mês festivo, para o enriquecimento do conhecimento dos alunos sobre as tradições culturais, vivenciando-as no âmbito escolar e assim estimulando o desenvolvimento pela pesquisa. O projeto foi proposto para crianças do 1º ao 3º ano, que tem alunos entre 6 e 8 anos.

O objetivo do projeto era o conhecimento das tradições culturais do Nordeste, identificando os diferentes estilos musicais da cultura nordestina, apreciando músicas do folclore nordestino, onde os alunos podiam ouvir e dançar os vários estilos musicais, além de desenvolver o interesse pela pesquisa, reconhecendo as manifestações culturais e históricas e vivenciá-las nas aulas. Como ressalta Penna e Marinho (2010):

Se nossa premissa estabelece a vivência do aluno como ponto de partida para a ação pedagógica, nossa meta final volta-se para essa mesma vivência, no sentido de ampliá-la, desenvolvendo os meios (de percepção, pensamento e expressão) para que o aluno possa aprender as mais diversas manifestações musicais como significativas, inclusive aquelas que, originalmente não faziam parte de sua experiência musical. (PENNA; MARINHO, 2010, p. 172).

Após a elaboração do projeto de ensino, cada equipe deveria se organizar junto com o professor supervisor, para resolverem como seria o desenvolvimento do projeto e de quais recursos seriam necessários para sua realização. Foi exigido que para cada aula fosse apresentado um plano de aula que contivesse os resultados de aprendizagem que os alunos deveriam atingir na aula proposta.

No projeto em questão foi definido que falaríamos sobre os gêneros do Nordeste, apresentando um breve histórico sobre o gênero a ser estudado, seguido de uma exposição sobre os costumes e curiosidades e os instrumentos predominantes do gênero, associada a uma apreciação musical. Para finalizar, foi realizada uma brincadeira típica da região partindo da premissa de que “a criança é um ser ‘brincante’ e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia” (BRITO, 2003, p. 35).

O projeto em ação

O projeto “Músicas e Brincadeiras do Nordeste” ocorreu em quatro (4) encontros, durante as aulas de artes. As aulas tinham duração de 1 hora e 30 minutos. A seguir será apresentado um resumo das atividades desenvolvidas em cada encontro:

- 1ª aula: Apresentação do que seria abordado durante a realização do projeto; breve apresentação sobre o gênero baião; exposição dos costumes, curiosidades e pontos turísticos da região nordeste, através de imagens, utilizando cordéis (Lampião e Maria Bonita); apresentação dos instrumentos predominantes do gênero (zabumba, triângulo e sanfona), por meio de imagens que foram disponibilizadas para cada aluno; na sequência foi realizada uma apreciação musical do gênero, utilizando como exemplo a música *Asa Branca* de Luiz Gonzaga, onde os alunos puderam fazer identificação timbrística dos instrumentos comentados anteriormente e depois puderam dançar a música. No final da aula foi realizada uma brincadeira típica do nordeste chamada “Sorriso Milionário”, que consiste em cada criança ficar com três (3) bexigas e todos têm que ficar dançando alguma música e se misturando. Quando gritarem “pára”, cada participante deve correr para frente de outro e fazer “palhaçadas”. O outro tem que ficar parado, sem rir. Quem rir perde uma bexiga. O desafio vai se repetindo e quem ficar sem bexigas sai da brincadeira. Quem tiver mais ganha.

- 2ª aula: No início da aula houve a revisão da aula anterior, em seguida foi iniciada a abordagem do gênero Frevo; apresentação do gênero, tipos de frevo (frevo de rua e frevo canção); Apresentação dos principais instrumentos (trombone, trompete, saxofone e violão); em seguida desenhamos os instrumentos no quadro para que os alunos reproduzissem. Para finalizar a aula, foi realizada outra brincadeira com o nome “cacique” onde o aluno se esconde em algum lugar. Ele é o índio. Os outros participantes ficam sentados em um círculo. Um dos alunos do círculo é escolhido para ser o cacique e fazer movimentos que os outros devem repetir. O cacique deve mudar os movimentos e o índio, chamado de volta à roda, tem três chances para adivinhar quem é o cacique. Se ele errar, paga uma prenda. O objetivo era fazer com que as crianças vivenciassem brincadeiras tradicionais de outras culturas que não conheciam e que pudessem inserir no seu cotidiano infantil, ampliando seus conhecimentos relacionados às brincadeiras de outros lugares.

- 3ª aula: Consistiu de uma revisão sobre o que foi ensinado sobre os dois gêneros.

- 4ª aula: A culminância do projeto se deu em forma de gincana com as brincadeiras que os alunos mais gostaram, e com um jogo de perguntas e respostas sobre os assuntos das aulas anteriores, tendo brindes para os alunos que respondessem corretamente.

No período de observação, foi possível perceber que as turmas não tinham o hábito de se movimentar em sala de aula, diante disso a melhor solução foi separar um momento da aula para que os alunos tivessem essa oportunidade. As atividades foram baseadas em Orff-Schulwerk e Jaques Dalcroze, onde eram explorados os movimentos corporais, gestos, improvisos embasados nas brincadeiras e danças típicas da região que estava sendo estudada.

Segundo Fonterrada (2008), sobre o sistema Dalcroze, o corpo expressa a música mas também transforma-se em ouvido, transmutando-se na própria música. No momento em que isso ocorre, música e movimento deixam de ser entidades diversas e separadas, passando a constituir, em sua integração com o homem, uma unidade. Orff também propõe o movimento corporal como base do entendimento da música:

A partir dessa ideia, desenvolveu o conceito de 'música elemental', isto é, uma música primordial que envolvesse fala, dança e movimento, partisse do ritmo e servisse de base à educação musical da primeira infância. (FONTERRADA, 2008, p. 160).

Resultado

Ao compararmos a disposição das turmas em relação ao início do projeto, foi visível a diferença de interesse dos alunos em querer realizar as atividades, e em querer aprender mais sobre o que estava sendo ensinado. E mesmo depois da finalização do projeto os alunos ainda perguntavam quando seriam realizadas outras atividades temáticas. Ao contrário do que acontecia no começo, onde os alunos não tinham interesse nenhum na disciplina. O próprio professor supervisor ficou muito satisfeito com as atividades que foram realizadas, dizendo que passaria a incluir em suas aulas alguns elementos usados durante o projeto.

Após a finalização do projeto consideramos que o resultado foi positivo e tivemos a oportunidade de refletir juntamente com os demais bolsistas, supervisores e coordenadores

sobre o trabalho realizado. O projeto foi positivo por ter proporcionado diversas trocas de conhecimentos, além de possibilitar aos bolsistas vivenciarem novas formas de aprender e repassar o conhecimento musical. Assim, o projeto foi enriquecedor para todos os envolvidos.

Conclusão

O PIBID promove a oportunidade de refletir e resignificar sobre a realidade escolar, não apenas na sala de aula, mas na escola como um todo. Através da observação, nós pudemos refletir sobre os trabalhos na escola e pensar em intervenções baseadas nos estudos teóricos e práticos realizados durante a graduação, fazendo com que o licenciando tenha esse olhar diferenciado, diante das diversas situações presentes no cotidiano escolar.

Com a música fazendo parte do currículo escolar, inserida na disciplina artes, surgem diversos questionamentos feitos pelos futuros professores sobre a prática do ensino-aprendizagem da música dentro da sala de aula e essa vivência na escola nos permite compreender o contexto e vivenciar experiências práticas que permitem compreender melhor o cenário, vislumbrando possibilidades e ao mesmo tempo conhecendo as limitações impostas. Outro ponto positivo é a atuação do professor supervisor junto ao bolsista, pois faz com que essa parceria gere uma troca de conhecimentos entre universidade e escola da educação básica, contribuindo cada vez mais para a formação de cada um.

Vale ressaltar a importância de se proporcionar uma aula que valorize a maior participação do aluno, para que o mesmo consiga se sentir inserido no contexto do que está sendo ensinado. Desta forma, o PIBID gera uma construção do pensamento do futuro professor, fazendo com que o mesmo esteja sempre atento às questões de ensino e aprendizagem.

O PIBID foi encerrado em março de 2018, voltando em seguida com um novo edital. No entanto, desta vez a área de música não foi contemplada entre os subprojetos apresentados pela universidade. Porém, as experiências vividas no ano de 2017 refletem de forma significativa na atuação dos ex-bolsistas, fazendo com que os mesmos tenham um melhor desempenho na educação musical.

Referências

BEINEKE, Viviane. Teoria e prática pedagógica: encontros e desencontros na formação de professores. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 6, p. 87-95, 2001.

BRASIL. *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior*. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acesso em: 09 mai. 2018.

BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. Tramando os fios da educação musical: os métodos ativos. In: FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP. Rio de Janeiro: Funarte, 2008. P. 122-177.

MORATO, Cíntia Thais; GONÇALVES, Lilia Neves. Observar a prática pedagógico-musical é mais do que ver! In: MATEIRO, Teresa; SOUZA, Jusamara (Org.). *Práticas de Ensinar Música: legislação, planejamento, observação, registro, orientação, espaços, formação*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 111-123.

PENNA, Maura; MARINHO, Vanildo M. Resignificando e recriando músicas: a proposta do re-arranjo. In: PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 171-205.